



PLASTIC DREAMS

RAINBOW VERÃO 2013

Plastic ^{dreams}

Rainbow

MELISSA MAGAZINE
Verão 2013

As sete cores do arco-íris inspiram a nova coleção da Melissa, em busca da felicidade e do pote de ouro que está no final dele: na moda, nas artes, na música e na vida real.



ALEK WEK: MUSA NEGRA
OS HITS DA COLEÇÃO DE VERÃO
JULIA PETIT PEDRO LOURENÇO
CROMOFOBIA MAKE COLORIDO
A CARTELA DOS ARTISTAS
JULIE VERHOEVEN E SUA ULTRA
ELISABETH DE SENNEVILLE SPFW
BATIZANDO ESMALTES



O MEDO DE SER CORROMPIDO OU CONTAMINADO PELAS CORES (CROMOFOBIA) INTERFERE DESDE A GRÉCIA ANTIGA NA PRODUÇÃO CULTURAL. ADMIRAMOS A BELEZA DAS CORES, POR EXEMPLO, NOS PAÍSES ASIÁTICOS, PRESENTE DA ARQUITETURA ÀS VESTES TRADICIONAIS, MAS O EXCESSO DELAS PODE SER LIDO COMO KITSCH OU VULGAR.

Texto Duda Porto de Souza
Fotos Cortesia Galeria Leme / Cortesia do artista

Coube ao artista plástico e escritor escocês David Batchelor, 57, analisar esse preconceito sob uma ótica contemporânea. Disponível em língua portuguesa pela editora Senac, o livro "Cromofobia" (2000, 144 páginas) é essencial para qualquer criador que queira fazer uso significativo da cor.

Escultor renomado, seus trabalhos são construídos, em grande parte, a partir de objetos baratos de cores saturadas, mostrando como a cor no ocidente está presente na ralé do espectro cultural. Em entrevista à **PLASTIC DREAMS**, David Batchelor dá dicas a profissionais que querem começar a explorar a cor, fala sobre a São Paulo de Niemeyer, sobre a rua 25 de Março e sobre como pretende expandir seus estudos sobre o assunto. Além, é claro, sobre o quanto gosta de visitar a Galeria Melissa, flagship da marca na cidade.

PLASTIC DREAMS *Você acha que a cultura ocidental evoluiu em combater seu preconceito contra a cor desde que você publicou o livro "Cromofobia", em 2000? Por que esse preconceito deve ser combatido e qual é a nossa melhor maneira de fazer isso?*

DAVID BATCHELOR Uma coisa que talvez tenha mudado durante esse tempo é a minha compreensão desse preconceito. Acho _assim espero_ que tenho agora um entendimento com mais nuances do que tive na época em que escrevi "Cromofobia". Agora diria que, no Ocidente, temos uma relação altamente ambivalente com a cor: somos atraídos por ela e ao mesmo tempo repelidos. Eu não diria que é como se algu-

mas pessoas amassem cor e outras detestassem; todos nós somos pegos por essa teia de atração e de repulsão, e temos que encontrar o nosso lugar dentro dessa situação.

PD *Melissa é um produto extremamente colorido e que sempre procura trazer cor para o dia a dia dos países onde está presente. O que deveria ser natural sobre a relação de qualquer pessoa com a cor?*

DB Apenas os adultos têm problema com as cores; as crianças nunca têm. Uma reação à cor é provavelmente natural para qualquer ser humano, mas no processo de crescimento acabamos suprimindo muitas dessas reações dos primeiros anos de vida. Quanto à Melissa, adoro ir à Galeria Melissa quando estou em São Paulo.

PD *Qual conselho você daria para um artista, designer gráfico ou designer de produto que quer começar a trabalhar com cores e entendê-las?*

DB Comece trabalhando com cor e começará a entender algo sobre elas. Mas uma coisa que esses profissionais vão aprender é que a cor está além da nossa compreensão, além da linguagem e além de sistemas racionais direcionados à ordem, controle e predições. Então esqueça tudo o que você ouviu e estudou sobre teoria e harmonia das cores. Só tente, e aceite que o processo irá lhe confundir, desorientar e surpreender.

PD *Como artista que trabalha com cor, você associa cada uma aos seus significados e origem? Acha que eles são relevantes para o processo criativo?*



01 Obras da série "Blob Drawings," estudos de cor iniciados em 2002

02 O artista David Batchelor.

03 Obras da série "DogDays" (2004-2011) com fios elétricos.

04 "Caçamba", exposta em 2012 na frente da Galeria Leme, que representa o artista no Brasil.

05 A obra externa "Festival Remix", de 2006, que mistura diversos tipos de iluminação.

06 Vista da exposição "Unplugged", na Talbot Rice Gallery (Edimburgo), em 2007.

DB A única maneira que encontrei para trabalhar com as cores foi me libertando de toda a bagagem de associação e simbolismo herdada por elas. Realmente não me interessa pelos significados e valores que as pessoas tentam atribuir para as cores. Também não me interessa pela noção de cores primárias e secundárias. Para mim, todas as cores são iguais e elas podem falar umas com as outras sem nenhum tipo de mediação nossa.

A cor como sua própria presença: é isso que procuro em meu trabalho. Uma verdadeira imersão no mundo da cor requer uma certa quantidade de desapego, o que nem sempre é fácil. Ao mesmo tempo, as cores que uso são, em grande parte,

um produto das cidades, não são naturais ou atmosféricas. Minhas cores não são puras ou desvinculadas de algum contexto ou referência.

PD *Você poderia falar um pouco sobre a presença da luz e da forma em seu trabalho?*

DB Fiz muitos trabalhos com luz nos últimos 12 anos. Mas não faço "light art", seja lá o que isso signifique. Meu interesse por luz nasce puramente do meu interesse por cor. Algumas das formas mais vivas de cor na cidade são as cores iluminadas: neons, painéis brilhantes de plexiglas®, LEDs e outros dessa natureza. Se você tem interesse na cidade e suas cores, simplesmente não tem como ignorar essas formas

de iluminação. Em relação às formas do meu trabalho, são todas realmente muito básicas. Não tenho a capacidade de criar formas e formatos esculturais complexos, e tenho inveja de artistas que conseguem, como Richard Deacon. Mas a forma é subsidiária da cor em meu trabalho, e precisa ser mantida simples para não distrair o espectador do foco primário. Percebi recentemente que, nos últimos 20 anos, todos os meus trabalhos _esculturas, desenhos, pinturas, fotografias_ foram, de uma maneira ou outra, sobre encontrar caminhos para dar um suporte para as cores, literalmente em alguns casos, opticamente em outros. É uma ideia muito simples, mas nem sempre fácil



Saiba mais

UM POUCO SOBRE AS REFERÊNCIAS CITADAS POR DAVID BATCHELOR.

O **Pantone 292**, que Batchelor brinca de seu favorito, é azul claro. Tornou-se famoso com a música "Reno Dakota", do Magnetic Fields: "It's making me blue/ Pantone 292". "Blue" também significa melancolia em inglês.

Nascido em 1949, **Richard Deacon** é um escultor britânico que recebeu o Turner Prize, espécie de Oscar das artes plásticas, em 1987. Suas esculturas _quase sempre construídas a partir de materiais do dia a dia_ são abstratas, e por vezes fazem alusão às formas anatômicas.

Localizada em São Paulo, a **rua 25 de Março** é considerada o maior centro comercial da América Latina. Com lojas que vendem objetos baratos de plástico, tornou-se um hotspot para Batchelor comprar matéria-prima para suas esculturas, como os óculos que compõem a escultura "Disco Mecanique", criada em 2008.

Alfredo **Volpi** (1896-1988) foi um pintor ítalo-brasileiro, considerado pela crítica como um dos artistas mais importantes da segunda geração do Modernismo. Quem nunca viu as bandeirinhas características de seus trabalhos?

O Palácio de Cristal, no **Retiro Park**, em Madri, é uma estufa construída em 1887, com finalidade de cultivo ou manutenção de plantas exóticas. Atualmente é usada através do museu Reina Sofia para exposições de arte.

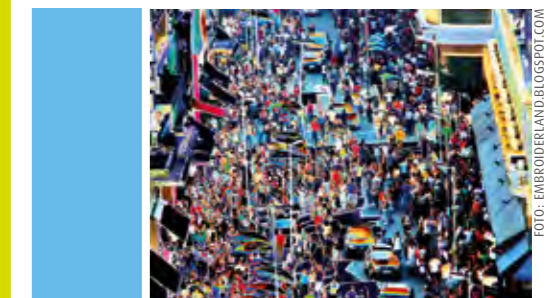
Nascida na Pensilvânia em 1955, **Polly Apfelbaum** é uma das artistas mais legais que Batchelor cita entre os criadores que tiveram sucesso no uso da cor. Ela é conhecida pelos seus "Fallen Paintings" (Pinturas Caídas), híbrido de escultura, pintura e instalação. Entre as temáticas presentes em sua obra estão cultura popular, femininos, e o legado da pintura abstrata do Pós-Guerra.

de entender e executar. Então a forma dá suporte à cor e, se você olhar para as formas do meu trabalho, vai ver que existem apenas duas ou três. Durante uns 15 anos, quase tudo era praticamente retangular ou em formato de caixa. Há algum tempo, tudo se tornou circular ou esférico. E agora existem até alguns triângulos aqui e ali. Nenhuma delas são geometrias "puras", como as da Bauhaus; elas são quase sempre um pouco danificadas, enviesadas ou dobradas.

PD *No que você está trabalhando no momento e como planeja expandir seus estudos sobre a cor?*

DB Estou tentando escrever outro livro, mas ele provavel-

mente não irá ver a luz do dia em breve. O título provisório é "The End of Colour" ("O Fim da Cor"), e o primeiro capítulo é sobre como a cor entra no mundo por meio de vários mitos de criação, e como sai dele por meio de algum conto sobre apocalipse e ruína. Aí há um capítulo sobre luminosidade e um sobre o cinza, no qual estou particularmente interessado no momento. Mas é difícil encontrar o tempo de escrever de maneira contínua nos dias de hoje. Em estúdio, no momento, a maioria dos trabalhos que estou produzindo são de duas dimensões. Pela primeira vez em mais de 20 anos estou fazendo pinturas. Foi uma grande surpresa para mim.



O Pantone 292, detalhe da obra de Polly Apfelbaum na D'Amelio Gallery, e vista da tumultuada rua 25 de março, em São Paulo.



07

São coisas simples que são muito difíceis de produzir. Eu as chamo de “blob paintings” (“pinturas blob”). Envolve derramar alguns litros de tinta líquida em um grande painel de alumínio, deixando-os secar por alguns meses antes de adicionar uma base simples para sustentá-los. Mais suporte para cores. Nenhuma mudança aí.

PD Você tem uma cor favorita? Alguma de que não goste? Como a cor está presente no seu dia a dia?

DB Minha resposta costuma ser que minha cor favorita é o Pantone 292, mas não quero dizer isso. Acredita-se que o olho humano pode diferenciar até dez milhões de graduações de cor, mas a maioria das línguas tem apenas onze termos básicos para as cores. Claramente existe uma assimetria aí, então dizer que minha cor favorita é azul significa que tenho mais ou menos um milhão de cores favoritas.

No entanto, existem certas cores que uso no estúdio mais do que outras, cores para as quais eu retornei ao longo dos anos. Em particular, um verde limão ácido que se tornou uma espécie de cor “default” para mim. É intenso e parece bem artificial. Uso canetas de grifar fluorescentes em muitos dos meus desenhos. Na contramão, nunca usei marrom em nenhum dos meus trabalhos. Existe marrom demais na arte britânica _interprete da maneira que quiser_ e não tenho nenhum desejo de fazer parte desse clube. Além disso, você realmente consegue imaginar um marrom claro? Existe muita cor na minha vida diária, principalmente nas minhas camisas

e camisetas. Sempre acho que as pessoas esperam que eu apareça usando uma calça pink, meias verdes e uma jaqueta roxa, mas a maneira com que uso a cor na minha arte é muito diferente da maneira com que uso a cor no resto da minha vida.

PD Você já visitou o Brasil algumas vezes. Quais suas impressões sobre o país? E sobre a cidade de São Paulo? Do que você gosta sobre em ambos em relação às cores?

DB A primeira vez em que vim para ao Brasil foi para expor na 26ª Bienal de São Paulo, em 2004. Desde então, passei a ter diversos artistas, escritores e curadores brasileiros como amigos, e durante os últimos oito anos desenvolvi um relacionamento muito bacana com a Galeria Leme. Eu simplesmente amo São Paulo, que tem absolutamente tudo que preciso para produzir meu trabalho. Toda vez em que vou ao país aprendo um pouco mais sobre a arte e a cultura brasileiras. Em 2008, fiz um trabalho com 4.000 óculos escuros baratos que encontrei numa loja na rua 25 de Março. No começo de 2012, apresentei uma série de trabalhos da Leme baseados em canos de aço velhos que encontrei num depósito no Butantã. Sempre tive uma queda pelas caçambas (de entulho) que estão por todos os cantos da cidade, que acabaram virando um trabalho. Gosto de muitas expressões da arte brasileira. Voltando na história, até Volpi, pelo menos. Mas não é exatamente por causa das cores. É mais sobre uma relação que encontro muito na arte entre três elementos: a cidade,

a abstração e as cores. Esses elementos definem bem o meu trabalho e é um grande prazer me encontrar num lugar onde outras pessoas compartilham esse interesse. Não acontece com frequência aqui no Reino Unido, pode acreditar.

PD Você já disse que “para que um projeto aconteça é preciso começar com um espaço, e tudo acontece a partir dele”. Se pudesse escolher um local público para mostrar seu trabalho, em qualquer lugar no mundo, qual seria e por quê?

DB Vai parecer um tanto clichê, mas fiquei bem satisfeito quando mostrei meu trabalho no prédio da Bienal, de Oscar Niemeyer, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Apresento muitos trabalhos em espaços neutros de galeria, o que é esperado, mas eu também gosto de trabalhar em construções com suas próprias características, as quais você precisa absorver e responder. Qualquer prédio no mundo? Há esse prédio do século 19, todo de vidro, no Retiro Park, em Madrid, todo iluminado e sem paredes. Escolheria esse.

PD Você poderia nomear artistas que são, para você, particularmente bons no uso de cor?

DB Nos Estados Unidos, existem várias boas artistas fazendo uso da cor e da abstração: Polly Apfelbaum, Mary Heilmann e Linda Besemer, entre outras. No Reino Unido, Jim Lambie produziu trabalhos brilhantes, assim como Melanie Smith, no México. Na última vez em que estive em São Paulo, vi uma exposição da Jac Leirner na Pinacoteca, que era maravilhosa.

“NO OCIDENTE, TEMOS UMA RELAÇÃO ALTAMENTE AMBIVALENTE COM A COR: SOMOS ATRAÍDOS POR ELA E AO MESMO TEMPO REPELIDOS. EU NÃO DIRIA QUE É COMO SE ALGUMAS PESSOAS AMASSEM COR E OUTRAS DETESTASSEM; TODOS NÓS SOMOS PEGOS POR ESSA TEIA DE ATRAÇÃO E REPULSÃO.”

07 Obra da série “Parapillar”, de 2007, suporte de aço e objetos de plástico encontrados em lojas de 1,99. A cor no Ocidente, segundo o artista, está localizada na ralé do espectro cultural.
08 Obra de série “Spectotem”, de 2009, caixas de luz de aço e alumínio, suporte de aço, placas de acrílico, lâmpadas fluorescentes e cabos elétricos.
davidbatchelor.co.uk



08

Faz parte do meu show...

Texto Sabrina Duran
Fotos Divulgação / Cortesia das artistas



Detalhe da obra de Monica Rizzolli

MONICA RIZZOLLI, 31
monicarizzolli.blogspot.com

“Uma forma de olhar o mundo.”

“A cor começou a ter um papel fundamental de definir a atmosfera do meu trabalho, não só a atmosfera psicológica, mas também a do ambiente que estou representando na pintura. Nessa série que estou criando agora, fui colocando várias cores de maneira intuitiva, mas chegou a um grau de saturação que me incomodou. Então comecei a fazer um estudo e a definir a cor antes de começar o trabalho. **Aqui na Alemanha as pessoas acham que uso muitas cores, que há um excesso de informação no meu trabalho. Mas isso acontece porque aqui é tudo monocromático.** Me lembro de que quando cheguei na Alemanha, no outono, tudo era marrom e enevoado, isso me marcou muito. A cor é uma sensação, e você aprende a ler essa sensação de acordo com a cultura

na qual está inserido. No meu dia a dia, ela é uma maneira de olhar o mundo e compreendê-lo. Na primeira vez em que fui morar sozinha, por exemplo, fui para um flat que era todo branco e tinha um sofá azul. Comprei tudo azul pra casa: prato, toalha, xampu, sabonete, escova, tudo. Em um momento, tive que dividir o flat com outra pessoa. A primeira coisa que ela fez foi comprar uma caneca amarela. Eu fui tomar água e, ao abrir o armário, tinha aquele Sol brilhando no meio das canecas azuis. Foi um choque. Eu senti e chorei (risos). Depois, quando montei meu apê em São Paulo, resolvi que tudo da casa seria preto e branco, e que minhas coisas pessoais, como roupas e livros, teriam um destaque cromático. Eu sabia a importância afetiva de cada coisa pelo destaque cromático que ela tinha. Nisso tudo fica claro o valor emocional da cor.”

NA VIDA DE UM ARTISTA PLÁSTICO, AS CORES NÃO DETERMINAM APENAS A REALIDADE CROMÁTICA DE SUAS OBRAS. SERIA POUCO PARA QUEM TEM, EM GERAL, UMA RELAÇÃO QUASE ANÍMICA E DE LONGO PRAZO COM ELAS. CONVERSE COM UM DELES E VOCÊ VERÁ QUE NO PASSADO DA MAIORIA HÁ SEMPRE UMA LEMBRANÇA DE ALGUMA COR MARCANTE, DE TONALIDADES INUSITADAS QUE DESPERTARAM NELE, PARA SEMPRE, ADMIRAÇÃO E ENCANTO. NO PRESENTE DE MUITOS ARTISTAS, AS CORES APARECEM ORGANIZANDO O COTIDIANO, DANDO SIGNIFICADOS NOVOS A PAISAGENS ORDINÁRIAS E ATÉ ELETRIZANDO SONHOS ONDE ELAS, AS CORES, SURGEM SATURADAS, BRILHANTES, IMPOSSÍVEIS E MEMORÁVEIS. DE LEMBRANÇAS PASSADAS A REALIDADES

CONTEMPORÂNEAS, A PRESENÇA CONSTANTE DAS CORES NA VIDA DE QUEM TRABALHA COM E A PARTIR DELAS ACABA, COM O TEMPO, CONVERTENDO-SE NUMA RELAÇÃO DÚBIA, DE DOMÍNIO E SUBMISSÃO DO ARTISTA E SUA PALHETA CROMÁTICA. E É ESSA RELAÇÃO QUE NOS PERMITE DIZER _SEM GENERALIZAR_ QUE A COR, NA VIDA DE UM ARTISTA, TEM O PAPEL DE TORNAR MAIS INTENSA A PRÓPRIA EXISTÊNCIA. CONVERSAMOS COM QUATRO ARTISTAS PLÁSTICAS SOBRE O ASSUNTO – AS BRASILEIRAS MONICA RIZZOLLI, CARLA BARTH E NINA PANDOLFO, E A NORTE-AMERICANA NICOLINA. EMBORA TODAS ELAS TENHAM TRAJETÓRIAS E TRABALHOS DISTINTOS, UM FATO EM COMUM TORNA UNÍSSONOS SEUS DISCURSOS: A COR É ONIPRESENTE EM SUAS VIDAS.

NINA PANDOLFO, 35
ninapandolfo.com.br

“Uma joaninha ou um besouro metálico.”

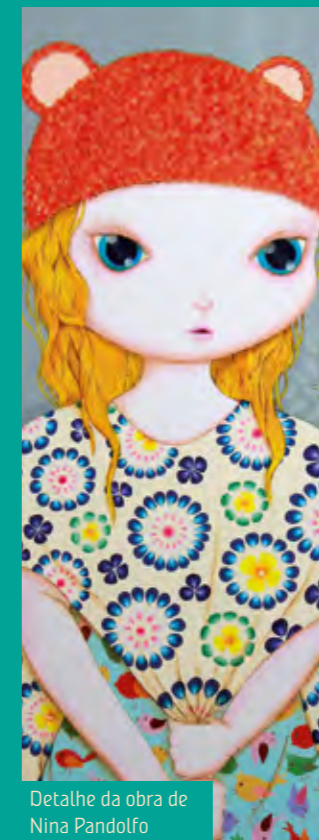
“Uma das grandes coisas que me atraí o olhar para um determinado local é a cor. Por exemplo, olhar para um gramado e ver uma linda joaninha ou um lindo besouro metálico. A cor é a principal atração nesse caso, pois esses insetos são minúsculos. Uma coisa da qual me lembro em que as cores me marcaram foi minha viagem à Índia, onde todas as mulheres eram supercoloridas. **Era possível ver um Pantone inteiro entre quatro amigas conversando numa calçada com uma parede verde com detalhes amarelos e vermelhos de fundo. Lá as cores são marcantes.** E as mulheres ousam nas combinações delas. As cores são importantes pra mim e influenciam muito minha vida. Ter flores coloridas em casa, por exemplo, sempre me faz sentir bem. Quando o dia está com o céu azul, é como se o dia estivesse alegre, mesmo que esteja frio. Quando começo um trabalho, em minha mente já tenho a arte final com tudo, traços e cores. Mas geralmente, durante a produção, algumas cores são trocadas, elementos inseridos; mudanças acontecem. Quanto aos sonhos com cores, tenho vários tipos. Alguns são como um filme de 8mm; em outros, as cores são totalmente vivas.”

NICOLINA, não quis divulgar sua idade ;-)
nicolinaart.com

“Elas dançam na minha mente.”

“As cores têm um papel gigantesco na minha vida. Eu sempre as tenho como que dançando na minha mente. Sonho muito com elas, que aparecem em formas abstratas e ficam circulando na minha mente. Quando estou acordada, me atraio facilmente por cores saturadas. São as que mais uso porque quero que o poder mais intenso delas apareça na obra. Começo com o desenho, e depois vou colocando cores. Uso muito vermelho, e em geral início a pintura com ele. É uma evolução, começo com uma cor que puxa outra e mais outra. Cores são universais e falam a qualquer pessoa; elas têm o poder de fazer a gente sentir algo, alguma emoção que não se consegue colocar em palavras. Quando eu estava em Pequim, na China, administrei o workshop Hearts of the World. É um projeto que comecei há cerca de dois anos com crianças do mundo todo, no qual dou a elas um coração humano apenas delineado em um papel para que pintem por dentro da maneira que quiserem. Em Pequim, especificamente, fiz o projeto com crianças de um orfanato para cegos. Lá havia um menino de nove anos que nasceu cego. Eu não sabia se ele tinha entendimento do que

eram as cores e como uma criança cega poderia pintar. A primeira coisa que fiz, então, foi perguntar qual cor ele queria. Ele disse azul. **Ao receber a tinta, ele pintou o coração todo de azul e disse que estava pintando o céu. Depois, pediu o amarelo para pintar o Sol, o branco para pintar as nuvens e o verde para pintar a floresta. No fim, pediu o preto e cobriu tudo o que tinha feito.** Perguntei o que ele estava pintando e ele disse: “Estou pintando a escuridão”. Perguntei o porquê, e ele disse que a escuridão é linda, e que há muitas luzes coloridas nela. Essa é minha experiência mais memorável com as cores. Mesmo aquele lugar onde elas parecem não existir está repleto delas.”



Detalhe da obra de Nina Pandolfo

CARLA BARTH, 36
carlabarth.com

“Lembranças de parques e piscinas.”

“Para além do meu trabalho, para começar, as cores influem no meu humor. Se é um dia de sol, por exemplo, eu me sinto mais disposta, tudo fica mais colorido e iluminado, gosto de inventar desculpas simplesmente pra sair de casa, como ir a lojas de tecidos e fazer compras de materiais que um dia eu possa usar, mas talvez eu nunca use; gosto de ir a sebos perto da minha casa ou tomar café perto do parque. Os dias cinzentos e chuvosos são lindos, mas são convidativos para outros tipos de atividades. **No trabalho, o processo é sempre de pesquisa. Tudo é tentativa e erro, e depois vem o acerto.** Às vezes gosto de incorporar o erro e aceitar o acaso; não gosto de planejar muito o uso de cores. Mas às vezes tudo é pensado, principalmente quando uso menos cores em um trabalho, porque daí tem que ser mais exato e limitar as opções. Sobre lembranças de cores marcantes, acho que as cores dos parques de diversões, paisagens desérticas, a cor da água das piscinas, animais que são fluorescentes, tudo isso marcou. Me chamavam a atenção as variações de cores de balas, doces e sorvetes, principalmente as embalagens, incríveis, como as coreanas, chinesas, egípcias, japonesas e israelenses.”



01



03



02



07



08



09



04



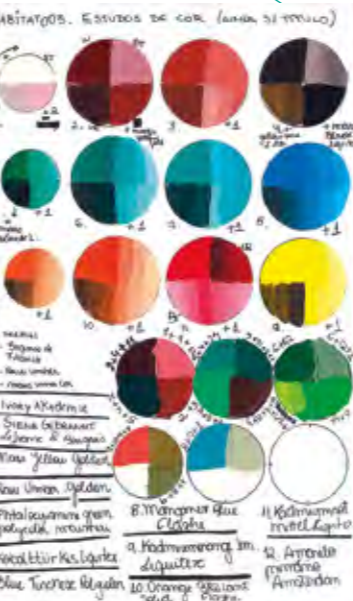
06



05



10



11

01 "Holy Mountain", 2008, acrílica sobre tela, 60 x 80cm, Carla Barth.

02 "Picassa", 2007, guache sobre papel, 29 x 42cm, Carla Barth.

03 "Sem título", 2011, acrílica sobre tela, 30 x 40cm, Carla Barth.

04 O coração de Mickeal, 10, que nasceu cego. "Pintei a escuridão, ela tem muitas cores", diz ele. Faz parte de um projeto de Nicolina.

05 Menino se depara com desenho de Nicolina nas ruas de San Cristóbal, Chiapas, México.

06 "Meu maior interesse está em pintar sobre uma tela que tem movimento", diz Nicolina, aqui num caminhão que customizou nas ruas de Tokyo, Japão.

07 "Sem título", 2008, técnica mista com cristais Swarovski, 180 X 200cm, Nina Pandolfo.

08 "Fugir e Fingir", da série "Nos Nossos Olhos", 2008, técnica mista com cristais Swarovski, 160 X 200cm, Nina Pandolfo.

09 "Lucy in the Sky with Diamonds", 2010, técnica mista sobre tela, 150 X 190cm, Nina Pandolfo.

10 "União 3", acrílica sobre tela, Monica Rizzolli.

11 Estudo de cor da artista Monica Rizzolli.